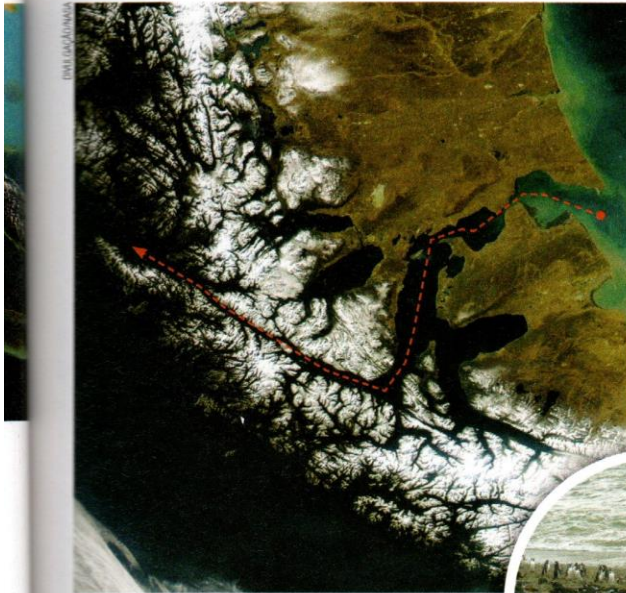


Turbulências emparedadas

texto **LIANA JOHN** e foto **ÉVARISTO E. DE MIRANDA**



Um braço de mar entre dois oceanos tem tudo para ser turbulento. Os oceanos têm alturas médias diferentes, agravadas por marés de alturas e horários diferentes. Os encontros dessas águas já são tumultuados em mar aberto, que dirá quando as marés são forçadas a entrar por um canal, espremidas e empurradas por forças opostas permanentes, encontrando-se lá no meio, entre margens ora largas ora afuniladas. É possível existirem dias de calma ou momentos de marés baixas e tranquilas, porém são exceções. Ao entrar num estreito importante, portanto, é melhor se preparar para uma viagem sacudida.

Assim é no Estreito de Magalhães, uma das passagens mais famosas do mundo, muito utilizada pelos navega-

dores das mais diversas nacionalidades, entre meados do Século 16 e o início do Século 20, ou, mais precisamente, até 1913, quando foi inaugurado o Canal do Panamá, encurtando distâncias e tornando as viagens mais econômicas.

O Estreito de Magalhães leva – com justiça – o nome de seu descobridor, o português Fernão de Magalhães, que por ele entrou em 1º de novembro de 1520, reclamando a descoberta em nome da Espanha, para quem navegava. Com cerca de 600 quilômetros de extensão, o estreito está situado no extremo Sul do continente sul-americano, ligando o Oceano Atlântico ao Pacífico. O Atlântico é 24 centímetros mais baixo do que o Pacífico e também tem marés mais baixas, de modo que entrar no estreito a partir da costa argentina,

a Leste, costuma ser bem mais fácil do que sair do lado do Chile, a Oeste, e encarar o mau humor do Pacífico, que ali desmente o próprio nome.

A passagem é inteiramente navegável – para quem tem estômago forte. Claro, hoje os barcos de pesca, pesquisa e turismo predominam, todos eles dotados de motores, estabilizadores e outros recursos para tornar a travessia

mais amena e segura. Duro mesmo foi atravessar o estreito pela primeira vez: à vela; sem sonar para alertar os pilotos em relação à presença de baixios ou rochedos; com um mapa em branco, sendo traçado e tendo que driblar motins a bordo. Esse relato – o da viagem de Fernão de Magalhães – ainda hoje é uma leitura de tirar o fôlego e gerar respeito. E ajuda a explicar porque a aura em torno desse espetacular acidente geográfico atravessa incólume século atrás de século.

